

Mais*

E AGORA, PELÔ?

A proibição de festas nos largos e praças do Pelourinho no São João deste ano foi motivo de protesto ontem por parte de comerciantes. Além do fechamento dos espaços para reforma, o Pelô sofre com o esvaziamento e até a inadimplência.

CENTRO HISTÓRICO Esvaziamento

Sem largo, sem povo

Comerciantes do Pelourinho pedem programação junina nos largos

Hilza Cordeiro

hilza.cordeiro@redebahia.com.br

Nascida como um movimento de luta pela revitalização do Centro Histórico, a Terça da Bênção, que acontece no Pelourinho há mais de 40 anos, ainda resiste, embora enfraquecida nos meses pré e pós-Carnaval, dizem frequentadores. Ontem, a resistência voltou ao Centro Histórico sob um novo nome: Pelô Vivo.

Reivindicando mais atenção do poder público contra a decadência da região - gerida pelo governo do estado -, comerciantes locais e moradores concentraram-se no Largo Terreiro de Jesus para pedir a manutenção dos shows nas praças Tereza Batista, Pedro Arcanjo e Quincas Berro D'Água durante o São João, que foram proibidos pelo Corpo de Bombeiros por segurança. Elas serão reformadas, com duração de cerca de três meses.

Para os organizadores do protesto, não foi apenas a Terça da Bênção que enfraqueceu. Dos oito eventos que costumavam ocorrer no Pelourinho, outros três acabaram ou esfriaram nos últimos anos: a Quaresma, o Festival da Primavera e o Natal. Para eles, o fechamento ameaça agora os ganhos durante a festa junina, já que muitos comerciantes têm seus negócios no interior dessas praças.

Com a baixa frequência de turistas após o Carnaval e a migração do soteropolitano para outros centros culturais, eles alegam que não têm a quem vender os produtos e serviços.

Para a escritora Aninha Franco, que mora na região, a consequência disso é o abandono dos espaços históricos e a crise financeira de centenas de donos de comércio. "O poder público precisa proteger o povo e o patrimônio histórico. O patrimônio não é dos comerciantes, é da humanidade. Se ele é esvaziado, a humanidade inteira perde", avalia.

Após a reunião, o grupo se reuniu na Assembleia Legislativa (Alba) com o presidente da Casa, deputado Angelo Coronel (PSD), de onde foi agendada uma reunião para os 10h de hoje com o secretário estadual de Cultura, Jorge Portugal, para tratar da questão.



Terreiro de Jesus foi abraçado ontem, antes de reunião

MAURO AKIN NASSOR

Procurado, o governo do estado disse que descarta programação nos três largos do Pelourinho por questão de segurança, mas que uma alternativa para quem trabalha nos largos está sendo analisada para o período em que eles ficarão fechados para reforma.

DÍVIDAS E DESPEJOS

Não é só a falta de programação nos largos que aflige o Pelô: a isso, somam-se ações de despejo. É que, há anos, moradores e comerciantes não honram o aluguel devido ao Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (Ipac), que administra cerca de 250 prédios tombados no Centro Histórico - mais de 70% dos que ocupam o Centro estão sem pagar aluguel ou taxa de ocupação.

Atualmente, a dívida total dos ocupantes gira em torno de R\$ 30 milhões, acumulados desde 1994, segundo dados do

Ipac. A taxa de concessão que deveria ser paga ao órgão varia de R\$ 50 a R\$ 900.

Devido aos débitos e à má conservação dos imóveis, o instituto cumpriu recentemente, por determinação da Justiça, duas ordens de despejo de casos que tramitavam desde 2012 e fez ainda o resgate de dois imóveis abandonados, segundo informou o órgão.

Um desses despejos ocorreu no depósito do Chocolates Marrom Marfim, em frente ao Largo Tereza Batista, na Rua Gregório de Matos. No dia 16 de maio, a proprietária, Rita Maria Brandão, 62, recebeu a visita do oficial de Justiça determinando a desocupação do imóvel.

"Eu comecei a chorar, fiquei em pânico. O próprio oficial ficou constrangido de ter que fazer isso. Ele é um frequentador daqui e ficou com pena de mim, então me deu 24 horas para tirar as coisas", desaba-



EVANDRO VEIGA

Largos fecharão para reforma que deve durar, pelo menos, três meses

FINANCIAMENTO DOS DÉBITOS, OU REFIS

Em 2011, a Comissão de Desenvolvimento Econômico e Turismo da Assembleia Legislativa da Bahia apontou um nível já considerado alto de inadimplência nessa época. Foi quando então diretor-geral do Ipac, Frederico Mendonça solicitou um programa de financiamento de débitos, chamado Refis, para recuperar os recursos, mas os débitos continuam até hoje.

fou ela, que está lá há 25 anos.

No ano passado, Rita pagou seis meses de aluguel. Este ano, ela alega que não teve renda suficiente para pagar nenhum mês. "Sempre que posso, tento pagar alguma coisa. A gente não (deixa de) pagar porque não quer, mas porque não pode", diz.

A proprietária disse, ainda, que sequer sabe o valor total da sua dívida e que não houve nenhuma conversa anterior sobre o despejo com representantes do Ipac. Rita conta que, mesmo ficando perto de dois largos onde costumam acontecer festas, ainda assim tem dificuldade com as vendas.

"Além da desvalorização do lugar, agora tem '500' ambulantes na nossa porta. Tem gente vendendo até churrasquinho de gato, o que é proibido pela prefeitura", alega.

INADIMPLÊNCIA

Segundo membros da Associação Comercial do Pelourinho (Acopelô), foram desapropriados também o Restaurante JK, a Associação em Educação e Saúde Botica da Terra e a Associação de Gráficos. Em nota, o Ipac informou que "não tem poder de polícia" e que apenas cumpre as ordens judiciais.

"Assim, as ações citadas foram de usuários privados que, após sucessivas determinações da Justiça, se mantiveram nos imóveis públicos de forma ilícita. O problema não é somente a inadimplência em si, mas também o abandono, a falta de conservação e a desobediência contratual dos ocupantes", justifica o órgão.

De acordo com Lenner Cunha, diretor social da Acopelô, um dos motivos da inadimplência é a falta de transparência do Estado quanto à dívida. "As pessoas que assinaram contrato com o órgão estão com os processos nas varas da Fazenda, mas os comerciantes não sabem em quais delas seus processos correm. Realmente estão relaxando em pagar, mas é porque a questão ficou tão complicada que, entre pagar ao Ipac e sobreviver, eles preferiram sobreviver", argumenta. A Acopelô reivindica a anistia de 95% da dívida e parcelamento do 5% restante.

Reivindicado pelo Ipac, o casarão da Associação Botica da Terra, na Rua Maciel de Cima, foi desocupado no dia 4 de maio, por volta das 7h. Na ocasião, um comunicado foi entregue avisando que havia um prazo de dez dias para recuperação dos pertences, levados para um galpão do Ipac. "Eles pediram que escolhêssemos qualquer outra casa", conta.

O Ipac confirmou o resgate do imóvel da Botica e informou que o prédio não apenas estava abandonado, como sublocado a terceiros, prática considerada ilícita.

Para quem frequenta, falta divulgação

Frequentador do Pelourinho, o publicitário Antônio Chequer costuma ir ao bairro pelo menos uma vez por semana e acredita que tanto o estado quanto o soteropolitano têm uma visão equivocada sobre o local. "É triste ver como isso aqui é subutilizado quando não tem turista. Não é difundida a ideia de que o bairro vive mesmo depois do Verão. As pessoas precisam parar de pensar que Pelourinho é só tererê, fita do Bonfim e acarajé de R\$ 15. Existe entretenimento, basta divulgar da forma correta", diz.

Para o comerciante Joel Gonzaga, do Bar Gêmeos, o fechamento de comércios tem provocado um efeito dominó. "Se meus vizinhos vão fechando, as pessoas não vêm, então eu também não tenho como abrir. Quem está aqui hoje, está por resistência".

Clarindo Silva, dono do lendário Cantina da Lua e um dos principais defensores do Pelourinho, diz sentir-se triste e desrespeitado. "Faz dó ver tudo fechado. Modéstia à parte, investi tudo o que podia nesse lugar, acreditando que ele seria autossustentável e não é por falta de investimento federal, estadual e municipal. Vejo o Pelourinho como o coração do Brasil, mas as autoridades não enxergam isso", lamenta ele, há 46 anos local. Ele conta que, do final



Ausência de turistas pós-Carnaval diminui movimento nas ruas



Terça da Bênção enfraqueceu: após missa, ruas continuam vazias

“As pessoas não vêm mais porque não sabem o que tem para fazer aqui”
Antônio Nicanor

Membro da Irmandade do Rosário dos Pretos

de 2016 para cá, precisou demitir oito funcionários.

Para Seu Antônio Nicanor, 67, membro da Irmandade do Rosário dos Pretos, as atividades do Pelourinho estão mesmo fracas, mas insiste que o problema não é apenas de responsabilidade estatal. "As pessoas não vêm mais porque não sabem o que tem para fazer aqui. No dia de Terça da Bênção quando acaba a celebração, não tem mais nada", observa.

Agenda Bahia discutirá cidades

Como viver em uma sociedade em rede e usar a tecnologia para conectar pessoas e melhorar a qualidade de vida nos grandes centros urbanos que não param de crescer? Esse e outros questionamentos vão nortear as discussões do Agenda Bahia 2017, evento promovido pelo CORREIO e que chega a sua oitava edição este ano, com o tema central Tempos de Mudança.

Na programação, estão previstos dois seminários. O primeiro, Cidades, acontecerá em agosto e vai abordar infraestrutura, sustentabilidade, moradia, turismo e agroturismo. Todos levando em conta o crescimento das cidades e a reengenharia necessária para resolver problemas de mobilidade e déficit habitacional, além de incen-

tivar a busca por alternativas de crescimento econômico.

Já o segundo, Conexões, vai ocorrer em setembro, vai abordar assuntos como produtividade, liderança e as inovações tecnológicas e sociais que contribuem para transformar vidas. A ideia por trás dos debates é a de que conectar pessoas é o caminho para vencer as crises globais.

Para isso, as discussões mais atuais da agenda mundial e exemplos bem-sucedidos

serão compartilhados com o público, de forma a inspirar soluções criativas para os problemas que afetam Salvador e o restante da Bahia.

Os seminários do Agenda Bahia 2017 terão ainda um espaço dedicado às artes. Durante as discussões de agosto e setembro, um artista convidado irá interagir com o público. O resultado será a construção coletiva de uma obra que, depois do evento, será doada a Salvador.

Iniciado em 2010, o fórum Agenda Bahia promove encontros entre especialistas de diversas áreas, representantes do poder público e da sociedade civil organizada e empresários, para debater o desenvolvimento econômico e social do estado.

ANDREIA SANTANA

225
palestras já foram promovidas pelo fórum desde 2010

POLÍTICA

Julgamento no TSE que pode cassar o mandato de Temer será retomado hoje
>> pág. 16

BRASIL

Lauro de Freitas e Simões Filho estão entre as cinco cidades mais violentas >> pág. 14

Hackathon+ Salvador abre inscrições amanhã

O desafio criativo Hackathon+ Salvador: Soluções de Impacto Social para o Centro Histórico abrirá inscrições a partir de amanhã. Os interessados poderão se candidatar pelo site do CORREIO (www.correio24horas.com.br/). As inscrições, gratuitas, seguem até 3/7.

Realização do CORREIO e da Rede+, também curadora do evento, em parceria com o Instituto Antonio Carlos Magalhães de Ação, Cidadania e Memória (IACM), Ufba e Prefeitura Municipal de Salvador, o Hackathon+ Salvador é o primeiro evento do fórum Agenda Bahia 2017, promovido pelo CORREIO. O fórum prevê ainda dois seminários, em agosto e setembro. O desafio vai acontecer em 15 e 16 de julho, no prédio da Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus.

O foco é em jovens empreendedores, criativos, programadores, designers, lideranças comunitárias e gestores públicos interessados em unir forças durante uma maratona de 24 horas de trabalho intenso, na busca de soluções pautadas em tecnologia e inovação para os principais problemas do Centro Histórico.

Após o encerramento das inscrições, os curadores da Rede+ terão de 4 a 6 de julho para selecionar 50 pessoas que vão compor as dez equipes, com cinco integrantes cada, que participarão do desafio. A lista de selecionados será divulgada em 7 de julho.

Já a partir do dia 8, os 50 escolhidos irão participar de uma série de visitas guiadas pelo Centro Histórico de Salvador. O objetivo é que eles se familiarizem com os problemas para os quais precisarão encontrar soluções em curto prazo.

Durante a maratona criativa, cada equipe terá 24 horas para organizar sua proposta. Para facilitar o trabalho, a ideia é que os grupos sejam multidisciplinares e formados por pessoas de áreas como design, desenvolvimento, negócios de impacto social e inovação. Cada grupo terá, ainda, o acompanhamento de um mentor especializado em empreendedorismo e nas suas áreas de atuação. No final do prazo, os grupos vão apresentar suas sugestões e os melhores grupos serão premiados.

ANDREIA SANTANA